

SEMANÁRIO

ECCLESIA

Nº 1476 | 16 de abril de 2015



Católicos na transição democrática

04 - Editorial:

Paulo Rocha

06 - Foto da semana

07 - Citações

08 - Nacional

14 - Internacional

20 - Opinião:

D. José Cordeiro

22 - Opinião:

DNPJ

24 - Opinião:

LOC/MTC

26 - Semana de..

Carlos Borges

28 - Dossier

A Igreja na transição democrática

30 -Entrevista

Manuel Braga da Cruz

50 - Multimédia

52 - Estante

54 - Vaticano II

56 - Agenda

58 - Por estes dias

60 - Por outras palavras

61 - YouCat

62 - Programação Religiosa

63 - Minuto Positivo

64 - Liturgia

66 - Ano da Vida Consagrada

70 - Família

72 - Fundação AIS

74 - Lusofonias

Foto da capa: D.R.

Foto da contracapa: Agência ECCLESIA

AGÊNCIA ECCLESIA

Diretor: Paulo Rocha | Chefe de Redação: Octávio Carmo

Redação: Henrique Matos, José Carlos Patrício, Lígia Silveira,.

Luís Filipe Santos, Sónia Neves

Grafismo: Manuel Costa | Secretariado: Ana Gomes

Propriedade: Secretariado Nacional das Comunicações Sociais

Diretor: Cónego João Aguiar Campos

Pessoa Coletiva nº 500966575, NIB: 0018 0000 10124457001 82.

Redação e Administração: Quinta do Cabeço, Porta D

1885-076 MOSCAVIDE.

Tel.: 218855472; Fax: 218855473.

agencia@ecclesia.pt; www.agencia.ecclesia.pt;



Vergonha no Mediterrâneo

[ver+]



Católicos em defesa dos imigrantes

[ver+]



A Igreja no pós-25 de Abril

[ver+]

Opinião

D. José Cordeiro | Paulo Rocha |
Carlos Borges | Manuel Barbosa |
Paulo Aído Tony Neves | João
Almeida | LOC/MTC

O valor das pessoas



Paulo Rocha
Agência ECCLESIA

“A terra e a água valem muito mais do que as pessoas”. A frase foi escutada recentemente no ambiente do deserto da Judeia, na Terra Santa. Lá, onde muitos acontecimentos já comprovaram essa afirmação, mesmo assim incapaz de sustentar a surpresa sempre que é dita. Na ocasião, apresentavam-se as idiossincrasias de povos e culturas com distintas pertenças, crenças e étnicas, manifestadas em convivências e sobretudo em confrontos ao longo de uma história milenar.

Naquele território, referido como eixo central de fluxos populacionais e comerciais entre continentes, continuam também hoje as perplexidades e as expectativas quando ao amanhã. E sempre com um horizonte de possível conflito que vitima pessoas. Apenas se procura a garantia de manter ou mesmo alargar a posse de terra e de água, mesmo que conquistadas de forma unilateral e delimitadas por fronteiras impostas através de muros desenhados em um qualquer estirador. Nestes casos, apenas se mantêm ativas pressões contra o outro, temendo “erupções” comportamentais a qualquer instante ...

A mesma determinação pela conquista de terra e de água leva muitas outras pessoas a ultrapassar fronteiras, a se lançarem num mar de incertezas,

esperando que na linha do horizonte estejam as condições de vida que tanto procuram na terra que pisam. Nestes casos, é ainda mais incerto o valor das pessoas, disperso por completo nas tentativas de ultrapassar o Mediterrâneo à “boleia” de ilusões vendidas por traficantes da imigração clandestina, com promessas e garantias à chegada que logo à partida são completamente impossíveis. Os naufrágios no mar, que este ano já provocaram 50 vezes mais mortes do que no ano passado, mostram a ausência do valor da pessoa. Tanto das que morrem como das que provocam a morte. E estas são muito mais do que aquelas. No caso da imigração africana à conquista das costas da Europa, os vendedores de ilusões nos países de origem e os construtores de fortalezas nos de chegada atuam sempre à margem do valor da pessoa, da grandeza maior que, em qualquer momento da história, tem de determinar leis, políticas, decisões,

opções: a dignidade da pessoa humana.

Há 40 anos, em Portugal, foi também o valor da pessoa, nomeadamente a garantia da liberdade e da justiça social, que motivou tensões quando foi necessário definir modelos de organização democrática. A abril de 1974 sucedeu-se um contexto de revolução, de confronto entre diferentes propostas para a construção de uma sociedade livre e fundada na expressão popular, nomeadamente pelo voto. O sucesso deste projeto, permanentemente em curso, tem na salvaguarda da justiça social e da dignidade da pessoa humana o principal indicador...

O mundo oriental, África, a bacia do Mediterrâneo, a Europa e todos locais do mundo nunca poderão escapar a um desafio essencial: encontrar estratégias de valorização da pessoa humana, de salvaguardar da sua dignidade. E caso seja necessário saber como fazer, basta ler o que foi dito pelas Pessoas divinas, há dois mil anos...





foto da semana



Membros do Conselho Europeu guardaram um minuto de silêncio pelos 800 imigrantes mortos no Mediterrâneo, antes de uma reunião dedicada àquela crise humanitária © Conselho Europeu

citações



- “Antes, a ciência era pouca, pouco conhecida e reconhecida. Depois dele, há mais ciência, tanto no país como no mundo. Comunicou a ciência de modo à sociedade mudar. Foi ele que pôs a ciência na governação”, Físico Carlos Fiolhais, em entrevista à Agência Lusa, sobre a morte do cientista e político José Mariano Gago (17.04.2015)

- “Uma solução duradoura implica uma grande cooperação entre a União Europeia e os países africanos, a imigração ilegal não é só um problema dos países europeus que fazem a fronteira sul do Mediterrâneo, mas afeta a todos”. Pedro Passos Coelho, primeiro-ministro português, em Marrocos (Jornal Público, 20.04.2015)

- “Quem queira salvar a Europa tem de voltar a uma política muito prudente, uma política que não dê passo nenhum sem garantir uma coisa: que as nações europeias são virtualmente iguais”. José Pacheco Pereira, em entrevista ao jornal I (18.04.2015)

- “Os jovens, os desempregados de longa duração, os trabalhadores precários e independentes e as famílias de rendimentos médios e baixos suportaram a maior parte dos custos da crise. As soluções para a crise têm que ser soluções também para os seus problemas”. Relatório “Uma década para Portugal”, onde o Partido Socialista apresenta um conjunto de propostas para o país nos próximos anos (21.04.2015)

Somos todos pessoas

Um conjunto de organizações da Igreja Católica em Portugal manifestou a sua “consternação e indignação” face às tragédias que vitimaram mais de 1500 pessoas este ano, na travessia do Mediterrâneo. Agência ECCLESIA, Cáritas Portuguesa, Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP), Comissão Nacional Justiça e Paz, Comissão Nacional Justiça, Paz e Ecologia dos Religiosos, Departamento Nacional da Pastoral Juvenil, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, Obra Católica Portuguesa de Migrações, Rádio Renascença e Serviço Jesuíta aos Refugiados apelam a todos os portugueses para que, no próximo domingo, coloquem nas suas janelas um pano branco ou usem uma peça de roupa branca, numa “manifestação de indignação”. Os católicos são ainda convidados a um momento de “oração ou um minuto de silêncio”, unindo-se “aos milhares de pessoas que se sentem solidárias com todos os que buscam uma vida melhor para si e para as suas famílias e partem diariamente das suas terras na procura legítima de melhores condições de vida”. Em comunicado, as instituições

alertam para a atual situação de muitos migrantes que “têm sido ultrajados na sua dignidade humana ao tentarem atravessar fronteiras” à procura das “mais básicas condições para a sua sobrevivência”.

Este ano, mais de 1500 pessoas morreram no Mar Mediterrâneo, um número 50 vezes superior ao de 2014, com destaque para o naufrágio que vitimou cerca de 800 pessoas no último domingo. “Os acontecimentos dos últimos dias (...) obrigam-nos a não ficar calados, sob pena de sermos cúmplices de um verdadeiro massacre que deveria envergonhar o mundo, particularmente os que têm responsabilidades políticas”, pode ler-se, na nota divulgada hoje. Em todas as Eucaristias celebradas no próximo domingo vai ser incluída uma prece no momento da Oração dos Fiéis, rogando a Deus que ajude a construir “uma só família humana”. As organizações da Igreja Católica contam com o apoio da Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana. “São pessoas como nós que se vêm obrigadas a fugir do seu país porque vivem situações que ferem gravemente a sua



dignidade e colocam em risco a sua sobrevivência e das suas famílias”, assinalam. Os signatários sustentam que a União Europeia “pode e deve fazer mais por cada uma destas pessoas”, nomeadamente através da ação nos países de origem. As organizações da Igreja Católica pedem medidas que “ultrapassem a excessiva preocupação securitária e de controlo de fronteiras” e esperam “alternativas

de maior humanização”. O comunicado sugere um marcador (hashtag) para as redes sociais, ‘#somostodospessoas’, citando a intervenção do Papa Francisco no último domingo: “São homens e mulheres como nós, irmãos que procuram uma vida melhor, famintos, perseguidos, feridos, explorados, vítimas de guerras. Procuram uma vida melhor, procuravam a felicidade”.

Relatório da Cáritas denuncia aumento da pobreza infantil

O secretário-geral da Cáritas Europa pediu que as políticas da austeridade sejam revistas e denunciou o aumento da pobreza infantil e desemprego de longa duração na apresentação do relatório europeu de acompanhamento da crise da organização católica. “A crise não passou para muitas pessoas, a pobreza e a desigualdade aumenta em todos estes países, em Portugal a pobreza infantil destaca-se. A Cáritas Europa e todas as Cáritas afetadas pela crise pedem sobretudo que se renunciem as políticas de austeridade”, disse Jorge Nuño Mayer, em Lisboa. O secretário-geral da Cáritas Europa acrescenta a necessidade dos governos reverem as políticas de serviços sociais porque o desemprego de longa duração vai ser “estrutural”, sem solução nos próximos anos. “Todos os cidadãos têm direito a participar na sociedade e necessitamos apoios básicos que assegurem a subsistência e a dignidade das pessoas”, preveniu. O relatório ‘O aumento da pobreza e das desigualdades - Modelos sociais justos são necessários para a solução’

foi apresentado pelo terceiro ano consecutivo pela Cáritas Europa que analisou a situação dos principais países afetados pela crise: Chipre, Espanha, Grécia, Irlanda, Itália, Portugal e Roménia. Seis anos depois do início da crise, o documento alerta para o “crescimento reduzido e enormes níveis da dívida; mais desemprego e milhões de pessoas na pobreza”. Para o presidente da Cáritas Portuguesa, a pobreza infantil “não é isolada” uma vez que as crianças são pobres porque estão em famílias pobres onde os pais “perderam trabalho, rendimentos” e proteções sociais como “abono, Rendimento Social de Inserção”, explicou.

26 anos de Vida e Paz



O presidente da Comunidade Vida e Paz (CVP) fez um balanço “extremamente positivo” do trabalho desenvolvido, que considerou também “denúncia” do muito que está mal e falta fazer na sociedade, no contexto do 26.º aniversário da instituição. “Quanto mais trabalhamos e mais situações temos para trabalhar é sinal de que há mais pessoas a necessitar de ajuda. Os números neste caso, quando se fala de sucesso, é sempre ao mesmo tempo uma denúncia e ultimamente de facto têm vindo a crescer e também em complexidade”, explicou Henrique Joaquim.

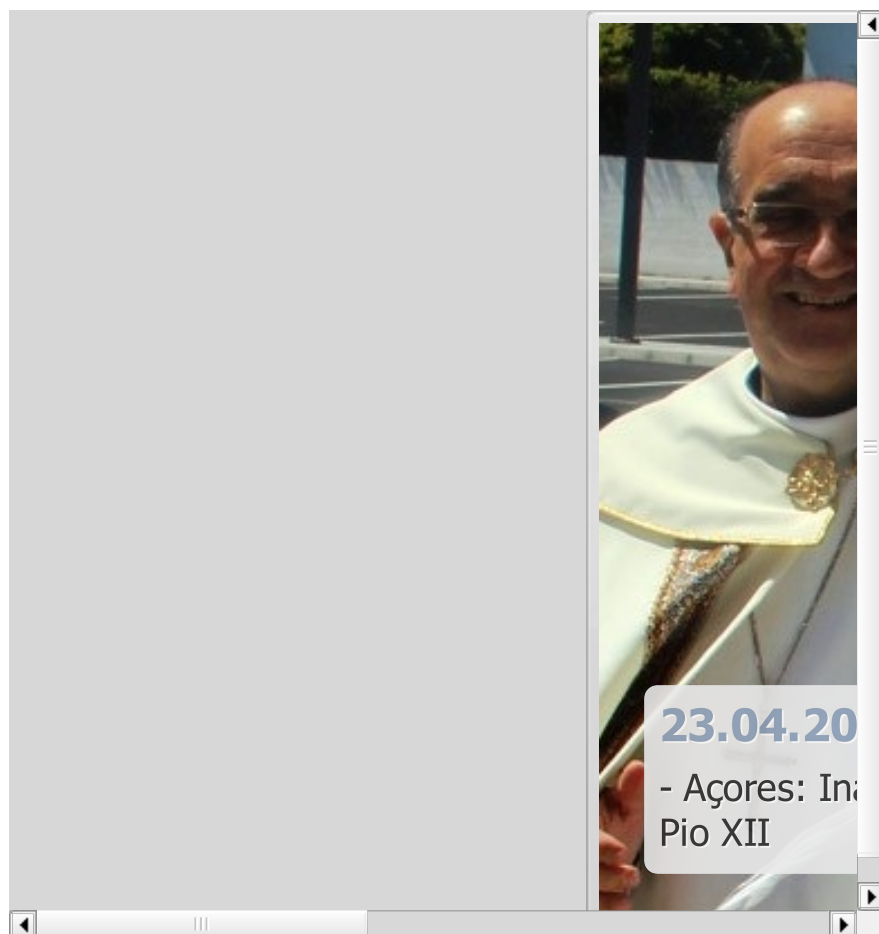
À Agência ECCLESIA, o responsável contextualiza que a organização nasceu num contexto social e político diferente hoje há mais “dependências de álcool e muitas com problemas de saúde mental”. “Às vezes derivado da própria crise financeira outras de

destruturação familiar que mal ou bem também estão ligadas a esse contexto”, revela, acrescentando que se observa o aumento de casos de “recaídas” e situações de desemprego.

O 26.º aniversário foi uma oportunidade para a CVP apresentar a aplicação ‘emvolta.pt’, que vai permitir registar, acolher, avaliar e desenvolver processos de formação, gerir o trabalho na rua e “retirar indicadores” conhecendo os perfis e as necessidades relatadas das pessoas que acompanham.

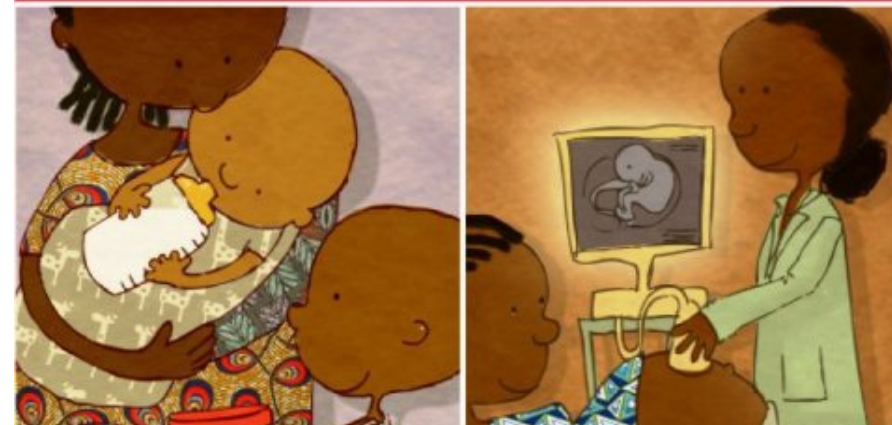
“Uma aplicação informática totalmente inovadora, feita de raiz, que poderá ser útil para outras organizações no futuro. Estamos a ensaiar gerir o voluntariado de maneira diferente”, comentou Henrique Joaquim, que destacou que a CVP tem de o “grande desafio” de gerir de forma muito regular cerca de “600 voluntários”.

A Agência ECCLESIA escolhe sete acontecimentos que marcaram a atualidade eclesial portuguesa nos últimos dias, sempre atualizados em www.agencia.ecclesia.pt



DIA DA MÃE

Um Presente Único para mães especiais!



[Fundação Fé e Cooperação lança Presentes Solidários para o Dia da Mãe](#)

[Igreja/Ciganos: Comité Católico debate discriminação por parte dos media](#)



Vergonha no Mediterrâneo

O Papa Francisco foi dos primeiros a levantar a voz após a nova tragédia no Mediterrâneo que matou mais de 800 imigrantes que viajavam com destino à Itália.

“Dirijo um sentido apelo para que a comunidade internacional atue com decisão e rapidez, a fim de evitar que tais tragédias se venham a repetir”, declarou, perante milhares de peregrinos reunidos na Praça de São Pedro para a oração do ‘Regina Caeli’.

O Papa manifestou a sua “mais sentida dor” perante “tal tragédia”: “São homens e mulheres como nós, irmãos que procuram uma vida melhor, famintos, perseguidos, feridos, explorados, vítimas de guerras. Procuram uma vida melhor, procuravam a felicidade”.

No dia seguinte, o responsável do Vaticano pelo setor das migrações manifestou a sua “vergonha e indignação”. “Este desastre é apenas o último de uma série sem fim que não pode deixar de provocar vergonha e indignação”, referiu o cardeal Antonio Maria Vegliò, presidente do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, em entrevista

ao jornal do Vaticano.

Para o colaborador do Papa Francisco, por trás de cada imigrante que morre no mar “há um rosto, uma família, uma história”.

“Somos todos responsáveis por estas tragédias, ninguém pode ficar a observar o problema de fora sem se deixar envolver”, afirma.

A Comissão dos Episcopados da União Europeia (COMECE) lamentou também a tragédia e pediu que as instituições comunitárias reajam a esta “tragédia humana”.

“Esta nova catástrofe no Mediterrâneo constitui uma derrota para tudo o que faz da União Europeia uma comunidade de valores”, refere um comunicado assinado pelo presidente do organismo, cardeal Reinhard Marx, e enviado à Agência ECCLESIA. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados confirmou que 800 imigrantes morreram no naufrágio de uma traineira, no mar Mediterrâneo, depois de falar com os sobreviventes do desastre. A COMECE sublinha que “muito mais” de mil pessoas morreram na travessia rumo à Europa, nos últimos dez dias, pelo que a União Europeia



“não pode ficar sem reação face a esta tragédia humana”. “Nada justifica que se fechem os olhos à tragédia humana que decorre no Mediterrâneo, que a União Europeia deve enfrentar”, insiste o organismo representativo dos bispos católicos. A diretora da Obra Católica Portuguesa das Migrações (OCPM), Eugénia Quaresma, defende a necessidade de “uma maior cooperação entre as

Nações Unidas, a União Europeia e os países de origem destas pessoas”, para evitar que casos deste género continuem a acontecer.

Ao mesmo tempo, sublinha a importância “da Igreja Católica, dos seus bispos, estruturas e comunidades”, colaborarem na “sensibilização” das populações para o “acolhimento” deste “fluxo, não só de imigrantes mas de refugiados”.



Secretário-geral da ONU vai visitar Francisco



O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, vai encontrar-se com o Papa no próximo dia 28, no Vaticano, para debater o problema do tráfico de pessoas. O anúncio foi feito pela presidente da Academia Pontifícia das Ciências Sociais (Santa Sé), Margaret Archer, em conferência de imprensa no final da assembleia plenária deste organismo, que estudou este tema desde sexta-feira. A responsável sustentou que a criminalização tem de ser “mais eficiente”.

“É uma condição necessária, mas não é o suficiente para eliminar o tráfico de pessoas”, observou Margaret Archer. Os participantes nesta assembleia foram recebidos no sábado pelo Papa Francisco, o qual apelou à “denúncia” e ao “combate” às novas formas de escravidão, reconhecendo a importância de aumentar a “consciencialização” sobre o fenómeno. Na audiência Francisco apelou às autoridades para que “tomem consciência desta tragédia”.

UNICEF une-se a projeto escolar do Papa

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) associou-se ao projeto ‘Scholas Ocurrentes’, promovido pelo Papa Francisco, para apoiar crianças e adolescentes desfavorecidos. A parceria “parte da crença comum no potencial e poder dos jovens”, refere uma nota divulgada pelo organismo da ONU, após um encontro entre o pontífice argentino e o diretor-executivo do UNICEF, Anthony Lake.

A colaboração de cinco anos vai centrar-se no “aumento do acesso à tecnologia, desporto e arte” com a criação de “plataformas para a educação, participação e construção da paz” que envolvam as novas gerações. Francisco disse que as ‘Scholas’, rede mundial de escolas pelo encontro,

visam “congregar os esforços de todos em favor da educação” das crianças e adolescentes. “As Scholas procuram incluir a cultura, o desporto e a ciência, procura construir pontes, a partir do ‘pequeno’, para chegar a todos. Hoje, esta perspetiva, esta interação, está a ser implementada em todos os continentes”, precisou. A plataforma ‘Scholas Ocurrentes’ conta atualmente com 400 mil escolas dos cinco continentes, com uma média de 500 alunos em cada uma.

Este projeto promovido pelo Papa e o UNICEF vão colaborar, inicialmente, em “ações conjuntas globais”, que visam, entre outros objetivos, “acabar com a violência” e promover a ligação entre os jovens, favorecendo o seu acesso “a ferramentas” de comunicação.





internacional

A Agência ECCLESIA escolhe sete acontecimentos que marcaram a atualidade eclesial internacional nos últimos dias, sempre atualizados em www.agencia.ecclesia.pt



[Francisco recebeu o presidente italiano Sergio Mattarella](#)

Regina Caeli, Papa Francisco, 19.04.2015



Virtudes cardeais

Prudência



D. José Cordeiro
Bispo de
Bragança-Miranda

As virtudes cardeais são quatro: a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança. Porque é que se chamam assim? Virtudes, porque são forças. Cardeais, porque desempenham um papel charneira, são como que as dobradiças que fazem girar uma porta. As virtudes cardeais são aquelas que constituem a base de todas as virtudes e que circulam e fazem gravitar bem a nossa vida. As virtudes cardeais são, com efeito, dotações naturais que temos de exercitar.

A Bíblia convida à virtude, que permite à pessoa de dar o melhor de si mesma: «*tudo o que é verdadeiro, nobre e justo, tudo o que é puro, amável e de boa reputação, tudo o que é virtude e digno de louvor, isto deveis ter no pensamento*» (Fil 4,8).

Na continuidade bíblica e da Tradição, o Catecismo da Igreja Católica apresenta, de modo feliz, a virtude da prudência nestes termos: «*A prudência é a virtude que dispõe a razão prática para discernir, em qualquer circunstância, o nosso verdadeiro bem e para escolher os justos meios de o atingir. “O homem prudente vigia os seus passos” (Pr 14, 15). “Sede ponderados e comedidos, para poderdes orar” (1 Pe 4, 7). A prudência é a «recta norma da acção», escreve São Tomás seguindo Aristóteles. Não se confunde, nem com a timidez ou o medo, nem com a duplicidade ou dissimulação. É chamada “auriga virtutum – condutor das virtudes”, porque guia as outras virtudes,*

indicando-lhes a regra e a medida. É a prudência que guia imediatamente o juízo da consciência. O homem prudente decide e ordena a sua conduta segundo este juízo. Graças a esta virtude, aplicamos sem erro os princípios morais aos casos particulares e ultrapassamos as dúvidas sobre o bem a fazer e o mal a evitar» (nº 1806).

A prudência, a primeira e a guia das virtudes humanas, é aquela que orienta a inteligência na escolha do que é honesto e melhor serve o bem social. Na continuidade de S. Tomás de Aquino, podemos até afirmar: sem a prudência, as outras virtudes nem sequer existem.

Às vezes, a prudência é apresentada como cautela, diplomacia ou timidez. Todavia, a prudência é a arte de saber escolher o mais vale na vida em ordem a um fim maior. A prudência é a

capacidade de discernir o bem. Prudente e providente formam uma só coisa, ou seja, é aquele que vê primeiro e fixa os olhos no êxito das boas acções. A prudência torna-nos realistas e a evitar os idealismos. O contrário da prudência é a negligência e a astúcia. Refletir, perseverar nas coisas boas, preferir a simplicidade que a complexidade são linhas indicadoras do bem viver a relação humana. A prudência também ensina que o melhor itinerário é mesmo o de viver dia por dia. Há que ter muita atenção com o cristalizar da vida. Igualmente há que cuidar e vigiar as distrações. O prudente constrói um caminho onde Deus vem ao seu encontro.

Hoje, as palavras de Jesus Cristo continuam a ecoar no caminho da vida: «sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas» (Mt 10, 16).





“Vem encontr@rte e viver a Alegria da Fé” no Fátima Jovem



Padre Eduardo Novo
Diretor do Departamento
Nacional da Pastoral
Juvenil

Ir ao Fátima Jovem, este grande encontro de jovens cristãos em Portugal, é ir ao regaço da mãe.

Promovida pelo Departamento Nacional da Pastoral Juvenil (DNPJ), a peregrinação nacional de jovens a Fátima é um encontro de compromisso, que oferece aos jovens, de todas as dioceses, experiências únicas de fé, alegria e testemunho. O DNPJ pretende que os jovens descubram o sentido significado e valor da vida e que aprofundem a sua identidade como Cristãos, reafirmando esse compromisso em todas as dimensões da vida, quer familiar, quer no trabalho, na paróquia e no grupo de amigos. Por outro lado, é uma oportunidade de cada jovem se encontrar consigo mesmo, com Cristo e com os outros jovens que comungam da mesma Fé e fazer novos amigos.

O Fátima Jovem 2015, terá lugar nos dias 2 e 3 de Maio e tem o belo tema “Felizes como Maria, a Cheia de Graça”, Maria a primeira discípula, a mãe doce e terna, que nos conforta e anima no caminho da Fé! Assim, o DNPJ convida todos os que queiram, de uma forma diferente, unidos em Cristo estar mais próximos de Maria, a juntarem-se a nós nesta grande peregrinação. Quanto ao Programa Oficial, depois da chegada a Fátima todos serão acolhidos pelo STAFF do Encontro e com um momento musical no Centro Pastoral Paulo VI. Nesta altura são distribuídos alguns materiais, designadamente o “Kit peregrino”.



Ao fim da tarde há a Saudação a Maria na Capelinha das Aparições, seguida de um “Espaço Jovem” recheado de muitas atividades - culturais, musicais, de reflexão/ formação, no Centro Pastoral Paulo VI.

À noite, teremos o Rosário e a Procissão de Velas na Capelinha das Aparições, seguida da Vigília Jovem na Igreja da Santíssima Trindade. Depois, o espetáculo do grupo “Jovem Levanta-te”, os jovens finalistas do programa “Got Talent Portugal, novamente no Centro Pastoral Paulo VI.

Ao longo de toda a tarde/noite de sábado, existe um espaço onde os jovens têm oportunidade para

celebrar o Sacramento da Reconciliação.

No domingo, dia 3 de maio, após a Oração da Manhã, feita por grupos de peregrinos nos locais de alojamento, reunimo-nos todos no recinto do Santuário para o Rosário e Procissão, seguida de Eucaristia Solene e envio.

E são todos estes motivos que nos levam a fazer-vos o convite a esta Peregrinação plena de momentos de encontro, de reflexão, de oração mas também de convívio e de festa com jovens de todas as dioceses e movimentos.

Aceitas este nosso convite? Atraves-te! Vem encontr@rte e viver a Alegria da Fé...

Não podemos ficar sossegados

O 1º de Maio é, desde 1889, reconhecido como Dia Internacional dos Trabalhadores. Maio é considerado por muitos como mês da Solidariedade, da valorização do trabalho digno e tempo para comemorar e afirmar a luta por melhores condições de vida e de trabalho, pela qual, muitos trabalhadores sofreram e alguns perderam a vida. Hoje, Para além das situações de injustiça e de falta de dignidade e de humanização, que conhecemos de perto e podemos ver todos os dias, existem, no mundo, situações de trabalho muito próximas da escravatura, que justificam, lembrar e continuar essa luta.

A maioria das pessoas nos países pobres trabalha sem qualquer tipo de regulamentação laboral, sem segurança no trabalho e sem qualquer proteção social. A ganância e o dinheiro contam muito mais que a natureza e a dignidade das pessoas. As multinacionais não têm o mais pequeno interesse nas pessoas, olham para elas como produtores ou como consumidores. Apesar das muitas declarações e reivindicações por um trabalho

digno, apresentadas por exemplo nas encíclicas sociais dos Papas e em numerosas publicações da OIT- Organização Internacional do Trabalho, se manifestam contra tais situações e defendem a dignidade do trabalho e da pessoa, a justa e equitativa distribuição da riqueza produzida e o bem comum, a realidade continua a contrariar esses ensinamentos, mostrando que no mundo, e também em Portugal a situação se agrava.

Para essa situação contribuem, em grande medida, as desigualdades na distribuição da riqueza que se mantêm em crescendo no mundo, e que também se acentuam em Portugal. Mesmo em tempos de crise, os ricos são cada vez mais e mais ricos, e os pobres também são cada vez mais e mais pobres. Em Portugal, segundo estudos recentes, o número de pessoas em risco de pobreza continua a aumentar, encontrando-se em maior risco, a população desempregada. E, com os nossos altos índices de desemprego, facilmente, se percebe que o número de pobres vai continuar a crescer.

Como diz o Papa Francisco na



Evangelii Gaudium nr. 53, “temos que dizer Não a uma economia de exclusão e desigualdade social. É uma economia que mata. É incrível que não se faça notícia quando um idoso, que se vê obrigado a viver na rua, morre de frio, enquanto se faz notícia de uma queda de 2 pontos na bolsa”.
Como trabalhadores e cristãos não

podemos ficar sossegados perante tão graves e desumanas situações e devemos participar e desafiar a sociedade para a promoção da solidariedade, da justiça e da dignidade humana.

*LOC/MTC - Movimento de
Trabalhadores Cristãos*

Branco, o “dress code” da liberdade (e da responsabilidade)



Carlos Borges
Agência ECCLESIA

Onde estavas no 25 de abril de 74? É a celebre pergunta que nestes dias volta a ecoar nas memórias e é revivida na televisão, rádio, folhas de jornal, internet e inúmeras iniciativas. Eu não estava e como não estava, sempre me encantou este período histórico. Gosto de ouvir as memórias de quem o viveu e neste contexto, privilégios da profissão, tive o prazer de desgravar a entrevista com algumas das memórias da ex-secretária de Estado para o Planeamento, no I Governo constitucional (1976-77), sobre os católicos neste tempo específico. “A fé em Jesus Cristo não impõe uma ideologia” foi das primeiras frases de um novelo de 25 minutos que permite tentar visualizar/imaginar alguns destes passos, assim como um livro bom. “Houve uma diversidade enorme de tomadas de posição da parte dos católicos. As pessoas entraram no processo revolucionário segundo os seus próprios interesses, a sua maneira de ver, os seus compromissos”, comentou também a antiga presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz.

A professora Manuela Silva à Agência ECCLESIA (podem ler, página [40](#)) frisou que esta situação foi possível não apenas porque com a revolução mudou a política nacional mas pelo trabalho que vinha sendo feito, com exemplos concretos desde reuniões, manifestações, congressos e até prisões.

Hoje, os apelos à sociedade, e aos católicos em

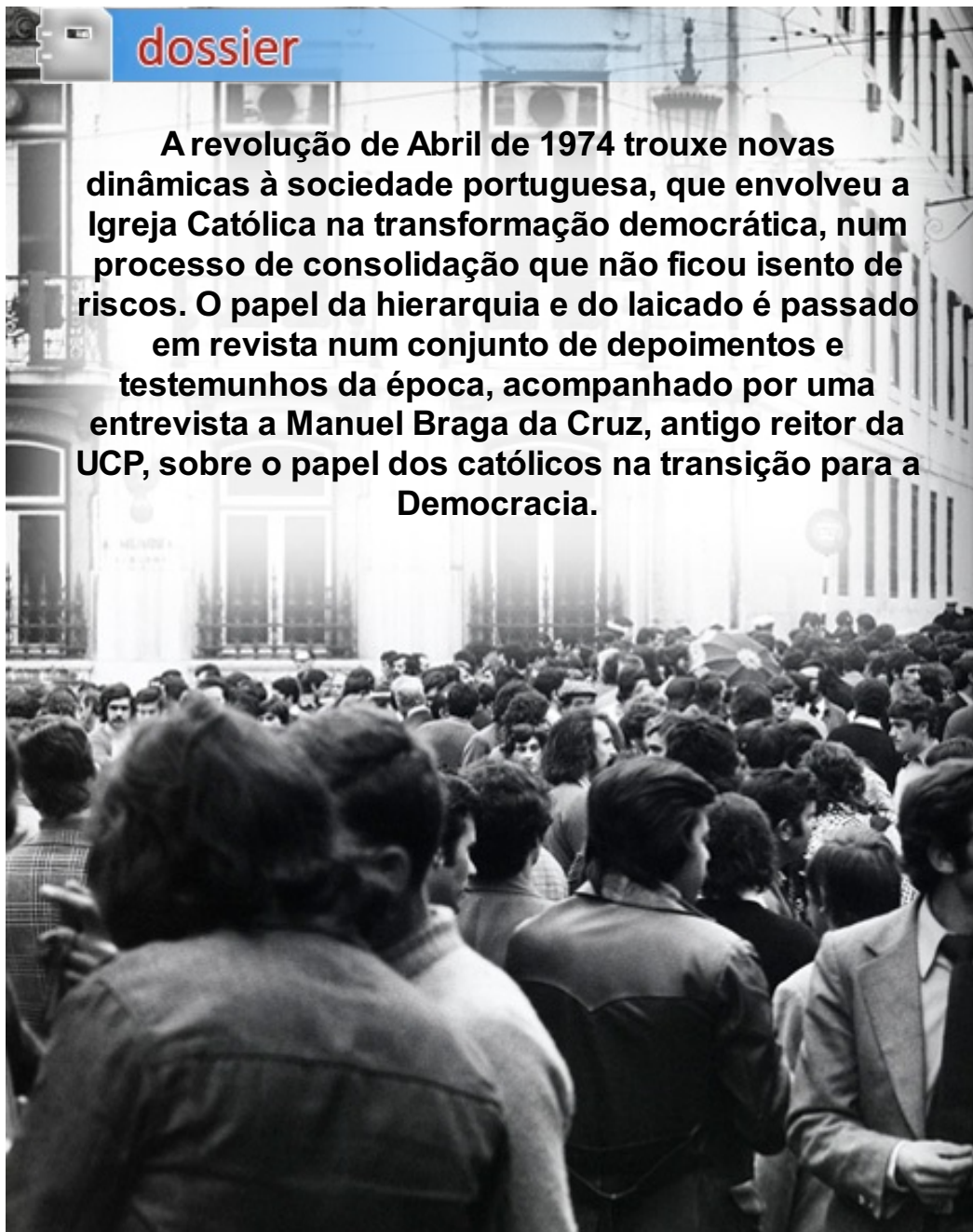


particular, têm sido muitos, diversos mas concretos, relacionados com o bem-comum dentro e fora das fronteiras nacionais. Relacionadas não só com o saber onde está o meu irmão mas também com está e em muitos casos eles aparecem nas notícias. Nas más notícias, se assim as podemos classificar.

Cristãos, e outras minorias religiosas, são perseguidos, mortos, usados como exemplo porque afirmam e não desistem da sua fé. Noutros casos é o fundo dos mares que acaba por encarcerar histórias e memórias de quem procura alcançar um futuro, uma vida, a esperança, quem sabe com o odor a cravos e a liberdade. Desde o fim-de-semana, o Mar Mediterrâneo tornou a invadir o

tempo de antena com mais uma catástrofe de centenas de mortes, de quem procura as condições que não tem na sua terra natal e vê na Europa oportunidades e sonhos. E nós, mesmo no nosso retângulo à beira mar plantado, podemos usar a nossa liberdade para pedir mais e melhores medidas dos responsáveis e decisores políticos, seja nas condições de travessia, no acolhimento ou mesmo nos países de origem dos migrantes, cooperando para que exista uma conjuntura favorável para viverem e não apenas para que sobrevivam. Desta forma, pela vida destes irmãos o convite e o desafio lançado hoje em Portugal é para que o “dress code” deste domingo seja branco e que invada também janelas e varandas.

A revolução de Abril de 1974 trouxe novas dinâmicas à sociedade portuguesa, que envolveu a Igreja Católica na transformação democrática, num processo de consolidação que não ficou isento de riscos. O papel da hierarquia e do laicado é passado em revista num conjunto de depoimentos e testemunhos da época, acompanhado por uma entrevista a Manuel Braga da Cruz, antigo reitor da UCP, sobre o papel dos católicos na transição para a Democracia.



Papel da Igreja foi determinante na transição democrática após o 25 de Abril

Manuel Braga da Cruz, investigador e antigo reitor da Universidade Católica Portuguesa, aborda em entrevista à Agência ECCLESIA os principais momentos da relação Igreja-Estados nos momentos que se seguiram à revolução de 1974, sublinhando a importância das posições dos bispos para travar e corrigir excessos que teriam colocado em risco a construção de um novo regime político constitucional.

Entrevista conduzida por Octávio Carmo

Agência ECCLESIA (AE) - Como é que a Igreja Católica se adaptou à mudança de regime político em Portugal após a revolução de 1974?

Manuel Braga da Cruz (MBC) - O papel da Igreja Católica na transição para a democracia foi um papel muito importante de moderação e de orientação, de retificação de desvios. E esse papel começou antes do próprio 25 de Abril. Em 1972, quando os sinais de colapso, de fracasso da tentativa de transição marcelista começavam a ser claros, sobretudo com a débil revisão da Constituição, que provocou alguma decepção, e com o fracasso de uma eleição para a Presidência da República de alguém que pudesse pilotar essa transição, a Conferência Episcopal publicou uma

importante carta pastoral, no 10.º aniversário da 'Pacem in Terris', onde fazia clara e abertamente a defesa da participação política dos cidadãos, defendia o pluralismo político legítimo e fazia um apelo à responsabilidade cívica dos cidadãos. Para bom entendedor, era um convite à introdução na vida pública portuguesa de elementos claramente democráticos. Quando surge a revolução - e surge de uma forma abrupta, através de um golpe de Estado -, a primeira reação da Igreja foi a de se congratular com as perspetivas de abertura da sociedade portuguesa, mas apela à concórdia e à paz, porque eram visíveis os sinais de que a conflitualidade poderia assumir proporções indesejáveis.



AE - A mudança trouxe alguma tensão...

MBC - Houve desde logo sinais preocupantes, embora o I Governo Constitucional fosse apresentar cumprimentos ao senhor cardeal-patriarca, no sentido de querer estabelecer com a Igreja as melhores relações - essa visita foi do primeiro-ministro, Palma Carlos, e do ministro dos Negócios Estrangeiros, Mário Soares.

A verdade é que houve alguns episódios, como por exemplo aquela transmissão televisiva de um programa que faltava ao respeito, de forma

agressiva, ao cardeal Cerejeira, então vivo, e também alguns

sinais preocupantes de ocupação de órgãos

de ensino e de órgãos de comunicação. A Igreja sentiu-se na

necessidade, já no verão de 74, de chamar a atenção

para o que era o conceito cristão de Democracia e de se pronunciar sobre as opções partidárias dos católicos,

para sublinhar que o pluralismo católico é um pluralismo balizado, com critério.

AE - O processo democrático não decorreu, no entanto, dentro da normalidade que seria desejável.
MBC - As coisas tornaram-se preocupantes quando, com a aceleração do processo revolucionário, algumas liberdades começaram a ser postas em causa. A primeira de todas foi a liberdade sindical, com a polémica sobre a unicidade sindical; depois a própria liberdade de expressão e de imprensa; e a liberdade de ensino. A Conferência Episcopal, por várias vezes, teve ocasião de chamar a

atenção para a importância destas liberdades. Numa pastoral, no verão de 74, chamou a atenção para o facto de estarem a encerrar dois períodos de grande importância histórica: não apenas o regime autoritário, que soçobrava para dar origem a um regime democrático, mas também um longo período de quase 500 anos de expansão ultramarina e de missão. Os bispos resolvem fazer uma avaliação do que foram estes períodos, sem deixar de pôr em evidências aspetos positivos e

negativos, de uma forma muito sumária e discreta: tentam travar uma leitura exorcista do passado, como se tudo o que tivesse acontecido até então fosse meramente negativo. Chamam a atenção para a importância da viragem que se estava a operar, ou seja, uma viragem no sentido da democratização e uma viragem no sentido da europeização de Portugal. Nós vínhamos de uma perspectiva de integração ultramarina, ultrapassada, ou se quisermos até derrotada, no plano internacional, para uma integração europeia e os bispos assinalam a importância desta viragem, como que a chamar à responsabilidade os portugueses face à delicadeza destes dois processos.

AE - Qual foi a importância do pluralismo no seio do catolicismo para evitar um cenário de confrontação, dividindo ainda mais o país?

MBC - O laicado católico, logo a seguir ao 25 de Abril, distribuiu-se pluralisticamente por várias organizações e, portanto, o pluralismo político era também interno ao próprio mundo católico: isso impediu que se vissem as coisas como se a Igreja estivesse apenas do lado do

autoritarismo e do lado da democracia não houvesse Igreja ou católicos.

Pelo contrário. Já tinha havido católicos, antes da revolução, em várias expressões de oposição ao regime autoritário, tinha existido aliás uma multiplicação de atitudes de católicos nos últimos anos do anterior regime que, muito naturalmente, se exprimiu em múltiplas opções. Isso impediu que se tivesse criado uma polarização de atitudes anticatólicas e atitudes católicas na vida política a seguir ao 25 de Abril. Não foi isso que aconteceu.

É curioso que uma das primeiras preocupações do episcopado foi defender e afirmar a independência e a isenção da Igreja na nova situação política, recomendando inclusivamente que não se instrumentalizasse a religião para fins políticos. Mais tarde, a Conferência Episcopal chamou a atenção dos católicos para a sua liberdade, o seu pluralismo, mas de uma forma balizada.

AE - O 11 de março de 1975 veio trazer mudanças?

MBC - Com a aceleração do processo revolucionário, algumas forças mais radicais resolveram fazer violação clara de liberdades da Igreja e de liberdades públicas, nomeadamente com o caso da Rádio Renascença. Também alguns abusos, como o caso do arcebispo de Braga que foi maltratado ao sair do aeroporto de Lisboa, levaram a Conferência Episcopal a assumir posições muito fortes, sobretudo por causa da não resolução por parte do Estado do problema que afetava a Renascença, a incapacidade do Governo de repor a legalidade nesta rádio, agravado pela manifestação em frente ao Patriarcado de Lisboa [18.06.1975] e a decisão do executivo de constituir uma comissão administrativa.

Isto acontecia depois da ocupação do jornal 'República', de orientação socialista, e levou os bispos a promover uma série de manifestações no país em defesa das liberdades: da liberdade religiosa que estava a ser atingida, da liberdade de expressão e também a liberdade de ensino. O contributo da Igreja para que a sociedade civil portuguesa travasse

a tentativa de radicalização do processo revolucionário foi de grande importância. Quando se dá aquela famosa manifestação da Fonte Luminosa [19.07.1975] em que Mário Soares pede abertamente a demissão do primeiro-ministro Vasco Gonçalves, a Igreja tinha tido um papel muito importante na mobilização da sociedade portuguesa para impedir que uma transição para a democracia se transformasse numa transição para outra forma de totalitarismo político. Esta atuação dos católicos em várias frentes e em várias instituições impediu que se tivesse criado uma questão religiosa com o advento da III República. Aliás, quer o primeiro-ministro Palma Carlos, quer Mário Soares e os líderes políticos dos partidos emergentes tiveram a preocupação de não permitir que, à semelhança do que acontecera na I República, a instauração de um novo regime político se pudesse transformar numa questão religiosa.



AE - A caminhada para a normalização constitucional, digamos, tem a marca dos católicos?

MBC - Seguramente. Muitos dos leigos católicos e muitos dos membros da hierarquia tinham vindo a intensificar as suas relações internacionais, muitos dos bispos tinham estado no Concílio Vaticano II que assumiu posições muito claras relativamente à comunidade política e à participação dos católicos. A dispersão dos católicos por várias formações partidárias agilizou o diálogo na Assembleia Constituinte, permitiu entendimentos muito importantes. Houve um clima de construção de pontes, no processo

constituente, que muito deve ao facto de os católicos estarem distribuídos pluralisticamente e à sua visão da democracia, que advinha das múltiplas relações estabelecidas. A própria Igreja tinha, no Concílio Vaticano II, evoluído nesta matéria, defendendo posições no sentido da desconfessionalização da vida política. Nesse sentido, reconheceu a laicidade das coisas temporais, que a política tinha as suas regras próprias.

Esse contributo enorme foi de extrema importância para a forma como os católicos ajudaram a pôr de pé, digamos assim, a Constituição de 1976 e a nova democracia política.

AE - Muitos movimentos católicos foram um espaço de iniciação política, durante a ditadura. Agora, vivendo em liberdade, o que falta para que exista esse interesse de aprofundamento e preparação para a vida na sociedade, do ponto de vista das convicções católicas?

MBC - Não há dúvidas de que logo a seguir à II Guerra Mundial verificamos que todos os movimentos da Ação Católica têm um papel decisivo na preparação dos leigos para a intervenção na vida pública, não apenas na vida política, mas na vida pública.

Há muitas dimensões da Ação Católica que preparam uma plêiade imensa de católicos, preparam as elites para uma nova realidade. Não deixa de ser curioso que já no final da década de 50 do século XX, o que motivou a carta do bispo do Porto [D. António Ferreira Gomes] a Salazar, que origina depois o seu exílio, é a pergunta sobre se os católicos podem organizar-se e concorrer a eleições. Isto é, o bispo do Porto admitia a possibilidade de os católicos participarem, como tais, na vida pública, na vida política, através

de um processo eleitoral. Não admira, por isso, que logo a seguir ao 25 de Abril verifiquemos que há muitos antigos militantes da JUC, da JOC e da JEC envolvidos na vida dos partidos, de vários partidos. Há muitos

dirigentes da Ação Católica a participar na vida partidária, parlamentar, e a dar um contributo muito importante para a edificação de um Portugal democrático.



Os católicos na formação da democracia portuguesa

O 25 de Abril de 1974 foi para muitos católicos e não católicos uma esperança de liberdade e justiça. E de incerteza face aos caminhos para concretizar as aspirações de todos os portugueses que exultaram com a queda do Estado Novo. Que democracia seria possível ou desejável instaurar? Como evitar retrocessos ou derivas autoritárias? No processo revolucionário de formação da democracia portuguesa a intervenção dos católicos portugueses caracterizou-se pelo seu pluralismo e ativismo. Este posicionamento dos católicos face à política continuava uma dinâmica já patente nas eleições de 1969 em que católicos militantes participaram não só nas listas da Ação Nacional Popular, incluindo o grupo que viria a ser conhecido por «ala liberal», como também em todas organizações de candidatos oposicionistas e nos grupos que se recusaram a participar nas eleições e a dar o benefício da dúvida à «primavera marcelista». Quer os sectores políticos laicos quer a hierarquia católica agiram

de modo a evitar a reabertura de uma «questão religiosa» que fragilizara a I República. Foi delicado o aparecimento de partidos de referência democrata-cristã que a hierarquia católica nem apoiou nem desautorizou publicamente. «Não aos partidos cristãos, sim aos cristãos nos partidos» era um lema defendido por padres em jornais católicos.

Católicos praticantes ou que se tinham afastado da Igreja Católica mas mantinham uma referência cristã e ligações a sectores do catolicismo aderiram ou colaboraram com os mais diversos partidos: o padre Max foi candidato independente a deputado pela UDP; o ex-padre Felicidade Alves aderiu ao PCP; Nuno Teotónio Pereira ao MES; o ex-jocista João Gomes e o ex-jucista José Leitão ao PS; o ex-jocista Manuel Serra primeiro ao PS e depois à FSP; António Guterres ao PS; Sá Carneiro e Mota Amaral ao PSD/PPD; Amaro da Costa e Freitas do Amaral ao CDS.

Os governos do processo revolucionário contaram com a colaboração de católicos

militantes: Mário Murteira foi Ministro dos Assuntos Sociais do I Governo Provisório, tendo Lurdes Pintasilgo como Secretária de Estado da Segurança Social; Maria de Lurdes Belchior foi secretária de Estado dos Assuntos Culturais e Investigação Científica dos I, II e III Governos Provisórios; Francisco Pereira de Moura foi ministro sem pasta do I e II Governos Provisórios e Ministro dos Assuntos Sociais no V Governo Provisório.

Juntamente com cidadãos não crentes e de outras confissões religiosas, os católicos portugueses durante o período revolucionário intervieram nos partidos, associações, sindicatos, nos sucessivos governos provisórios e nas oposições, contribuindo para a formação de um regime democrático em Portugal.

*João Miguel Almeida,
Centro de Estudos de História
Religiosa - UCP*





A experiência política dos católicos

Manuela Silva recorda a ação e intervenção dos católicos depois do 25 de abril de 1974, no Processo Revolucionário em Curso (PREC). A ex-secretária de Estado para o Planeamento e antiga presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz considera que a “fé em Jesus Cristo não impõe uma ideologia” e explica que o empenhamento dos cristãos não foi “determinado só” pelas alterações políticas “mais favoráveis” mas de um trabalho silencioso que vinha de trás.

“Houve uma diversidade enorme de tomadas de posição da parte dos católicos. As pessoas entraram no processo revolucionário segundo os seus próprios interesses, a sua maneira de ver, os seus compromissos”, analisou Manuela Silva.

A Agência ECCLESIA, a professora universitária salienta que esta participação foi possível porque já havia uma “larga experiência de empenhamento político” feito pelos cristãos, nomeadamente os católicos, antes do 25 de abril de 1974. “Não sob a forma de partidos, uma vez que só havia o partido da União

Nacional, onde também estavam católicos, mas em diferentes setores”, elucida.

Neste contexto, a ex-secretária de Estado para o Planeamento, no I Governo constitucional (1976-77), lembra que havia católicos que trabalharam pela “conscientização dos portugueses” relativamente à guerra colonial, um assunto “tabu”, o que originou que alguns estivessem na prisão de Caxias durante da revolução dos cravos. Para além destes, a entrevistada relembra “um gérmen”, uma corrente chamada cristãos pró-socialismo que, com a “cumplicidade” de congregações religiosas, discutam temas numa linha marcadamente “adversa à política dominante”.

“Penso que vinham dos anos 70 e ainda é de salientar o facto de alguns católicos se terem empenhado seriamente na renovação da própria comunidade eclesial”, acrescenta, recordando que nesta data tinham passado dez anos do final do Concílio Vaticano II. Segundo Manuela Silva os efeitos do concílio sentiam-se em Portugal de



uma maneira “muito discreta, muito suave” mas havia quem manifestava “um grande interesse” pelo pensamento conciliar com “iniciativas para o aprofundar e dar a conhecer” e comunidades que o tentavam colocar na “prática dos seus quotidianos”. “Isso depois veio a ter influência a seguir ao 25 de abril, o terreno estava preparado”, elucida a entrevistada que recorda experiências de padres operários, a “inovação” que

representava a Diocese de Setúbal com D. Manuel Martins, que era “uma exceção no panorama eclesial português” ou a Comunidade do Rato com o Manifesto da Páscoa de 70, que “foi um marco importante”, e a vigília na capela em 1973. Sobre a hierarquia da Igreja católica portuguesa, a professora catedrática considera que “geriu com alguma prudência” tempos que se revelaram “difíceis”. A opinião pública associava



os bispos ao antigo regime e a compromissos desse passado, mesmo com o contributo “decisivo” de alguns católicos e organizações católicas no período anterior à revolução.

Desta forma, recorda que a hierarquia nem “sempre” foi um bloco e destacou ações disruptivas como o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, ou mesmo o futuro cardeal de Lisboa, D. António Ribeiro, que à época era comentador na televisão “muito seguido, ouvido e considerado de abertura”.

A antiga presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz frisa que os desafios “eram muito fortes” e os católicos aproveitaram a “janela de oportunidade” para “dar expressão” ao que já era a sua prática. “Havia liberdade, a ideia de que a liberdade realmente permitia esse espaço de abertura e criava maior responsabilidade. É interessante dizer que os católicos estavam nas diferentes forças partidárias mas que eu saiba não trouxe confronto entre os católicos”, desenvolveu a interlocutora para quem “a fé em Jesus Cristo não impõe uma ideologia”.

Manuela Silva já não era estudante na revolução dos cravos recorda que a Juventude Universitária Católica, JUC, nos anos 70 “ainda tinha um impacto importante” e revela que a sua formação e interesse pelas “questões do mundo e pela presença dos cristãos” começou na faculdade. A JUC era um espaço de “abertura cultural, empenhamento, debate, discussão”, que marcou, por exemplo, com o primeiro congresso da organização (entre 15 e 19 de abril de 1953). Com o 25 de abril de 1974, houve uma “transformação muito significativa” que se conquistou com uma república democrática, uma constituição progressista que afirma os direitos humanos e defende o modelo de Estado Social contudo Manuela Silva alerta para as transformações económicas de “produtividade, organização da economia” que “não se realizaram”. Desta forma, preocupa-se com a desigualdade na “repartição da riqueza e do rendimento, nas oportunidades de bem-estar e desenvolvimento social” que não favorece a coesão social, “pilar da democracia”. “Aquilo que

conquistamos como liberdades políticas, de expressão e associação podem ficar em risco se não se cuidar devidamente da coesão social, incluindo a coesão geográfica”, analisou.

Atualmente, tem a opinião que “há muita reflexão” e mesmo “preocupação” em aprofundar o pensamento da Doutrina Social da Igreja mas alerta para o “défice de visibilidade e de potencialidade

de aproveitamento das iniciativas”. Atualmente na vida da Igreja e da sociedade destaca a figura do Papa Francisco que é “contagante”. Não só pelas palavras, como o ato de “grande coragem” de falar sobre o genocídio do povo Arménio, mas também “pelos gestos proféticos” como a viagem a Lampedusa, um assunto que continua atual. “Realmente há que levantar os assuntos que são tabus”, conclui Manuela Silva.





Responsabilidade e intervenção dos cristãos

O cônego Antônio Janela, presidente do Instituto de Formação Cristão do Patriarcado de Lisboa, espera que os cristãos "não se instalem" e assumam "as suas responsabilidades de intervenção" na construção da cidade. "Que não ficassem no interior dos templos, no serviço litúrgico, catequético e sociocaritativo. Tudo isso é muito importante, mas a missão do leigo é no mundo concreto, de família, trabalho, de intervenção sociopolítica", afirmou, à margem da conferência que assinalou os 40 anos do Centro de Reflexão Cristã (CRC).

Este espaço de reflexão, criado no pós-25 de abril de 1974, "segue a linha do Vaticano II", aponta à Agência ECCLESIA, José Leitão, Presidente da direção do CRC, missão "muito atual e em consonância com o Papa Francisco". "As conferências de maio que realizamos mostram essa atualidade e o papel que o CRC continua a ter", indica o responsável.

Segundo o cônego Janela, o CRC veio "colmatar um certo vazio, uma instância em que os cristãos e outras pessoas deviam ter para escutar a



cidade" numa perspectiva "não de criticismo, mas de reflexão e de crítica". "Era necessária uma reflexão cristã, à luz da palavra, sobre a atualidade que se vivia na altura, e era importante ser iniciativa do laicado. O CRC acabou por integrar pessoas que se podiam ter dispersado no meio da confusão que veio depois com Período Revolucionário em curso (PREC)". O sacerdote recorda ainda o papel que os cristãos tiveram, "nem

sempre sublinhado", na responsabilidade de "ser ponte entre posições divergentes". "Mérito esse de uma Ação Católica, do seu tempo, que deu frutos", assinala. O 40º aniversário do CRC foi assinalado ao longo do dia com um encontro que juntou numa mesa-redonda Manuela Silva e José Leitão sobre o tema «O CRC e a renovação da Igreja - quarenta anos de intervenção cristã».



A Igreja também falou do 25 de Abril...

A sociedade civil portuguesa celebra, dia 25 deste mês, mais um aniversário da chamada revolução dos cravos. Uma mudança de paradigma político que teve o contributo da Igreja. Muitos católicos e alguns elementos da hierarquia da Igreja ajudaram a derrubar o regime musculado e depois apoiaram a consolidação da democracia vigente.

Apresentamos alguns excertos de textos da hierarquia da Igreja portuguesa nos tempos do 25 de abril de 1974 e anos seguintes sobre a turbulência e o embrião de um Estado democrático:

- «O movimento de 25 de abril pôs termo a um regime político de quase meio século e abriu ao povo português a possibilidade de um futuro marcado pelo ideal democrático». (In: Carta Pastoral do Episcopado Português – “O contributo dos cristãos para a vida social e política”; Lisboa, julho de 1974).

- «Considero que a Igreja é ainda diplomática, demasiado diplomática. Diplomática em vários dos seus serviços, nas respetivas estruturas e sobretudo na mentalidade de muitas

pessoas». (In: D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto; Jornal de Notícias, 24-08-1974; “Bater a Penitência no Peito dos Outros?!”, Cadernos Telos/11).



- «Finalmente, este conselho quer afirmar que pensa terem-se aberto novos caminhos para a libertação do povo português e que tomou maior consciência do que significa partilhar as alegrias e as esperanças dos homens. (In: Declaração do Conselho Presbiteral do Patriarcado; “Boletim Diocesano de Pastoral”, Maio/74).

- «Teoricamente temos mais liberdade que no regime anterior e não somos inquietados pelo que dizemos ou fazemos, mas os meios de comunicação social mais importantes – rádio e televisão e imprensa – estão controlados por grupos sindicais ou políticos, e não se fazem eco das nossas afirmações ou publicam apenas alguns aspetos» (In: D. António Ribeiro, cardeal patriarca de Lisboa; «Le Figaro», de 07-04-75).



- «Os sacerdotes nordestinos têm sido, em certos meios de Comunicação Social, acoimados de retrógrados, de atrasados, de reacionários e eu sei lá de que mais. Não somos atrasados nem reacionários, sabemos o que queremos. Pode a pátria contar connosco para ajudarmos na renovação de Portugal. Não nos caluniem. Não nos dificultem a ação» (In: D. Manuel de Jesus Pereira, bispo de Bragança; “Manifestação dos Cristãos em Bragança”; «Tempo», 31-07-75).

- «Rejeitamos a sociedade em que não se respeita a liberdade da missão doutrinal da Igreja e se lhe rouba um instrumento essencial dessa missão: a nossa Emissora Católica, a Rádio Renascença». (In: D. Francisco Maria da Silva, arcebispo de Braga; “Manifestação dos Cristãos em Braga”, 10-08-75; “Notícias de Viana”, 14-08-75).



- «Exortamos todos os cristãos desta diocese a participarem, como testemunhas do Evangelho, na mudança de determinadas estruturas da sociedade, autenticamente escravizantes, para que, pelos atos e gestos da sua vida, se façam acreditar como irmãos de todos, sobretudo dos oprimidos, e sejam sinal de amor entre os homens» (In: Comunicado do Conselho Presbiteral do Clero da Guarda; «Voz Portucalense», 06-09-75).



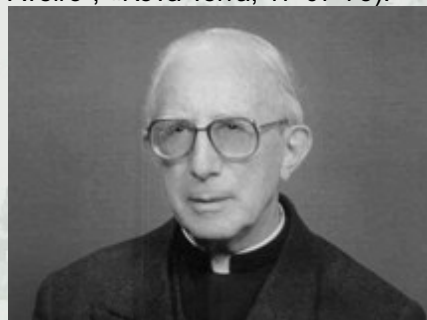
- «O Evangelho dá uma inspiração, dá um sentido à vida, dá critérios, mas não dá soluções concretas de ordem política ou social» (In: D. Manuel Franco Falcão, bispo coadjutor de Beja; «Expresso», 25-10-75).



- «A euforia da independência está a transformar-se em pesadelo, cheio de apreensão e interrogações. A insegurança no presente e a incerteza do futuro, o caos económico e o banditismo...» (In: D. Eurico Dias Nogueira, Bispo de Sá da Bandeira; «Voz Portucalense», 18-10-75.)



- «É preciso que os cristãos acordem, que acordem os que porventura tenham estado adormecidos, e que vivam as autênticas realidades da nossa sociedade» (In: D. Manuel de Almeida Trindade, bispo de Aveiro; «Manifestação dos cristãos em Aveiro», «Nova Terra», 17-07-75).



- «Nesta hora alta da nossa vida nacional, em que os portugueses ensaiam a convivência democrática e procuram esquemas mais livres e mais justos de ordenação da sociedade, fácil é verem surgir, entre eles, as tensões e as discórdias, as tentações do ódio e da vingança...» (In: D. António Ribeiro, cardeal patriarca de Lisboa, «Saudação e Mensagem para o Natal de 1974».)

- «A maior parte das culpas eram atribuídas ao clero, acusado de forma virulenta, reacionária e obscurantista. Foi-se ao ponto de, na televisão, um oficial que fazia parte da coluna, se explanar em considerações sob o modo como as freguesias da diocese de Vila Real deviam ser providas» (In: D. António Cardoso da Cunha, bispo de Vila Real; «Manifestação dos católicos em Vila Real», «Nova Terra», 28-08-75).

- «O espetáculo do aeroporto de Lisboa que todos os dias se reenche de refugiados, com a desilusão e a cólera estampados no rosto, é a expressão mais confrangedora da provação pela qual está atravessando o país» (In: D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro; «Homilia na Missa de Fátima», 12-10-75)

- «Mas quando nesta cidade do Porto, ali em frente à estação de São Bento, uma criança da rua diz ao jornalista que pede ao Pai-natal “uma espingarda, por causa do 25 de abril, p’ós fascistas” que mais é preciso dizer?! ... O que a infância é, na sua própria inocência e inconsciência, é o espelho dos adultos e portanto símbolo e expressão do mundo em que vive» (In: D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto; Homilia na Sé do Porto, 01-01-75)



- «A Igreja pode participar na construção do estado, mas independentemente. Julgo que serviremos melhor a causa comum estando separados dos poderes políticos» (In: D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto; «República», 30-05-74).

FLOR DE LIS online

<http://www.flordelis.pt/>

A 23 de abril em todo o mundo se comemora o dia de São Jorge, um dos santos mais venerados no catolicismo. Aquele que, conforme nos diz a lenda matou um dragão, é também o patrono mundial do escutismo. “O Escutismo é um Movimento Mundial, de carácter não político, aberto a todos, com o propósito de contribuir para a educação integral dos jovens de ambos os sexos, baseado na adesão voluntária a um quadro de valores expressos na Promessa e Lei escutistas, através de um método original que permite a cada jovem ser protagonista do seu próprio crescimento, para que se sinta plenamente realizado e desempenhe um papel construtivo na sociedade”.

Assim, proponho uma visita ao sítio virtual da revista oficial do Corpo Nacional de Escutas (CNE), Flor-de-lis, que se publica desde Fevereiro de 1925, contando com mais de 1200 edições em papel. Ao digitarmos o endereço www.flordelis.pt encontramos os habituais destaques, sejam eles notícias, conteúdos multimédia ou

dossiers temáticos. Em “actualidade”, podemos ler todas as novidades que vão sendo distribuídas por ordem cronológica merecendo uma leitura atenta. No item “internacional”, acedemos a todas as notícias de carácter não nacional, onde por exemplo, podemos ler que o chefe João Armando é atualmente o presidente do Comité Mundial, o responsável máximo do escutismo em todo o mundo. Por outro lado, na área “nacional”, somos informados acerca de todos os acontecimentos que são alvo de notícia no nosso país.

Caso pretenda aceder aos diferentes vídeos que vão sendo publicados pelo escutismo nacional, basta clicar em “vídeos”, aí temos, entre outras coisas, a apresentação da mais recente equipa da Junta Central para o triénio 2014/2016, liderada pelo aveirense Norberto Correia. Por outro lado, em “fotogaleria”, como o nome o refere, podemos aceder a diversas exposições fotográficas relacionadas com eventos marcantes do CNE.

Uma opção deveras interessante é a área “dossiers temáticos”, onde podemos aprofundar diversos temas relacionados com escutismo. Temos,



FLOR de LIS

NOVO PROGRAMA EDUCATIVO
Acompanhe as novidades do processo de implementação

SPEA CNE
Fura-bardos é a ave do ano!
Parceria entre a SPEA e o CNE para proteger aves selvagens e respetivos habitats.

ACTUALIDADE: 11 LER MAIS

MULTIMÉDIA

Presidente do Comité Mundial

CNE EM NÚMEROS - 2013	57	14.048
17.445	6.642	10.803
3.014	4.060	20.085

ACTUALIDADE: 11 LER MAIS

por exemplo, os noventa anos desta revista, um trabalho acerca da Beata Teresa de Calcutá, ou mesmo um conjunto interessantíssimo de conteúdos onde a figura principal é Baden-Powell, fundador do escutismo.

Aqui fica a sugestão para aceder regularmente ao sítio desta

publicação, ficando assim a saber mais acerca da vida da maior associação juvenil nacional que é o escutismo. Porque a “Flor de Lis” é um espaço onde todas as histórias se encontram num único lugar.

*Fernando Cassola Marques
fernandocassola@gmail.com*



Catálogo do Arquivo Susan Lowndes

Em 2012 o Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) criou a coleção Instrumentos de Descrição Documental, coordenada pelo seu Grupo de Trabalho de Arquivística e destinada à divulgação de catálogos, inventários e outros instrumentos resultantes de intervenções arquivísticas tecnicamente sustentadas, de modo a contribuir para a preservação deste património e para o desenvolvimento da investigação histórica na sua área de especialização. Na ocasião, foi publicado o Catálogo do Arquivo Professor António Lino Neto. Dois anos depois, o Catálogo do Arquivo Susan Lowndes vem materializar o terceiro número da coleção, e de novo através da

publicação do catálogo de um arquivo pessoal. O Grupo de Trabalho de Arquivística tem, aliás, em execução alguns projetos de organização e descrição de arquivos pessoais, cujos Instrumentos de Descrição verteremos nesta coleção em tempo próximo. A presente publicação é um ponto de chegada que muito deve à confluência de vários esforços e apoios. Desde logo, o apoio dado por Ana Vicente, a vários títulos: a cedência do espólio, a confiança no nosso trabalho, os esclarecimentos que ajudaram à organização e à descrição, e a revisão de conteúdos. Necessariamente, a dedicação profissional e pessoal da Dra. Patrícia Matias Pereira, a quem se deve a matéria e a forma do objeto



que temos em mãos. Ainda o apoio financeiro do Programa Iberoarquivos-Programa ADAI. É um ponto de encontro e também um ponto de partida. Tal como sucedeu com o arquivo do Professor António Lino Neto, o CEHR não deseja limitar a sua intervenção ao nível técnico arquivístico. O nosso fim é também outro. Como Unidade de Investigação na área da História, o CEHR definiu entre as suas três linhas temáticas uma que denominou de “Memória, mediações e materialidades do religioso”. É aqui que se inscreve este trabalho. Conscientes da familiaridade umbilical e histórica entre a oficina do arquivista e a do historiador, e convencidos do benefício da

articulação entre estes dois labores, queremos que este arquivo e o seu catálogo sejam usados como memória e mediação para o estudo da história religiosa contemporânea. Como resultado deste trabalho, será publicada proximamente uma antologia de textos produzidos por Susan Lowndes e selecionados a partir deste arquivo. A par destes dois instrumentos de divulgação, o arquivo em si mesmo fica a partir de agora acessível à consulta por parte dos interessados. A edição deste catálogo está disponível no Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa, com a seguinte ligação permanente: <http://hdl.handle.net/10400.14/16539>.

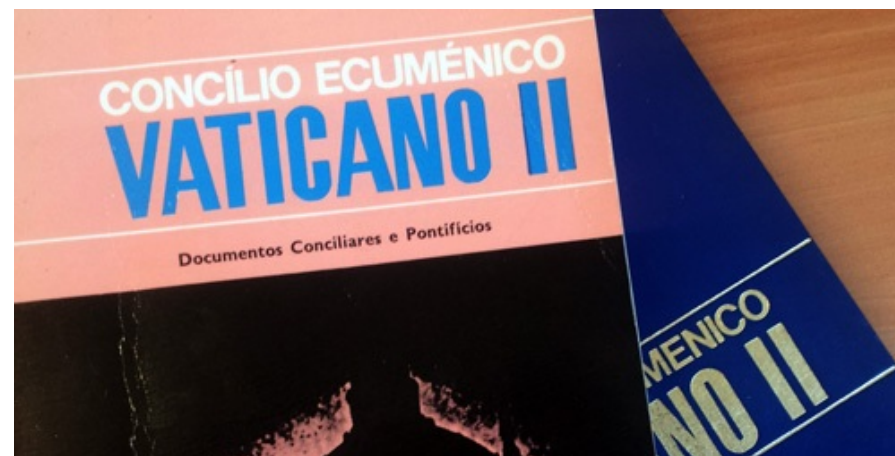


II Concílio do Vaticano: Sabia que...



No Dia Mundial do Livro, 23 de abril, o compêndio que contém todos os documentos promulgados no II Concílio do Vaticano (1962-1965) é analisado de forma diferente. Não é o conteúdo deste livro que está no centro, mas os números que deram corpo a este livro.

- Sabia que... O documento que teve mais votantes, padres conciliares, foi o Decreto sobre a atividade missionária com 2399
- Sabia que... Na votação do decreto sobre os meios de Comunicação Social 164 padres conciliares votaram «Non Placet».
- Sabia que... O II Concílio do Vaticano é constituído por 4 constituições e 10 decretos e 2 declarações.
- Sabia que... Nas quatro sessões conciliares estiveram a chefiar os trabalhos dois Papas: João XXIII e Paulo VI.
- Sabia que... A constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual teve 7 votos nulos e 75 padres conciliares que votaram «non placet».
- Sabia que... D. Custódio Alvim Pereira foi o bispo português que fez mais intervenções (16) na aula conciliar.
- Sabia que... Todos os documentos conciliares (16) receberam dos padres conciliares «Non placet»
- Sabia que... O Decreto sobre os meios de Comunicação Social foi o único documento onde o «placet» não chegou aos dois milhares (1960)



- Sabia que... Apenas 9 documentos conciliares não receberam votos nulos.
- Sabia que... O documento com menos votantes (2131) na aula conciliar foi o decreto sobre os meios de Comunicação Social.
- Sabia que... Todos os textos conciliares foram aprovados nos meses de outubro (5), novembro (5) e dezembro (6)
- Sabia que... O primeiro documento aprovado foi a Constituição sobre a Sagrada Liturgia e o último foi a Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual.
- Sabia que... O Decreto sobre o Apostolado dos Leigos foi o documento mais consensual na votação, visto que não teve votos nulos e apenas 2 «Non Placet».
- Sabia que... Dos 16 documentos conciliares, 11 deles foram aprovados na última sessão do II Concílio do Vaticano.
- Sabia que... Nas 16 votações apenas 3 tiveram o mesmo número (2325) de votantes.
- Sabia que... No dia 7 de dezembro de 1965 foram promulgados 4 documentos, tal como aconteceu no dia 28 de outubro do mesmo ano.
- Sabia que... Durante as 4 sessões do II Concílio do Vaticano, Portugal esteve representado com 49 padres conciliares.
- Sabia que... Apenas 31 padres conciliares portugueses fizeram intervenções escritas e orais nas sessões que decorreram na Basílica de São Pedro.



agenda

Abril 2015

Dia 24 de abril

* Algarve – Portimão - O Secretariado da Pastoral Escolar da Diocese do Algarve organiza o 2.º encontro Diocesano de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) para alunos do 5.º ao 12.º.

* Açores - Ilha de São Miguel - Encerramento (início a 20 de abril) do Conselho Presbiteral da Diocese de Angra

* Coimbra - Figueira da Foz - Jornada de Teatro Solidário com o objetivo de recolher apoios para pessoas e famílias em situação inesperada de carência económica.

* Brasil - Tomada de posse do novo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, D. Sérgio da Rocha, arcebispo de Brasília.

* Lisboa - Torres Vedras - Encontro dedicado ao «Serviço da caridade como evangelização das comunidades» promovido Departamento da Pastoral Sociocaritativa do Patriarcado de Lisboa.

* Santarém - Tomar (Biblioteca Municipal) - Conferência sobre «Dimensão Social das Festas do Espírito Santo» por frei Bento Domingues e integrada no ciclo sobre «O Espírito Santo».

* Faro - Instituto Dom Francisco Gomes - Final do concurso dos jovens talentos solidários, organizado em parceria com os agrupamentos escolares do concelho de Faro, com o intuito de dar a conhecer novos talentos e potenciar o espírito solidário.

* Braga – Balasar - Comemoração do aniversário da beatificação de Alexandrina de Balasar com celebração presidida por D. Jorge Ortiga (24 e 25)

* Santarém - Parque Bonito - Celebração do Dia de São Jorge, patrono dos escuteiros (24 a 26)

* Roménia - Mosteiro dos Carmelitas em Snagov - Reunião anual Comité Católico Internacional para os Ciganos (24 a 26)

* Braga – Barcelos - Festa das Cruzes (24 a 03 de maio).

Dia 25 de Abril

* Portalegre - Dia diocesano da Catequese

* Braga – Balasar - Encontro da Família Salesiana e apresentação da biografia do padre Humberto Pascoal.

* Lisboa - Colares (Fundação Betânia) - Atividade «Aprender a integrar o físico e o espiritual» promovida pela Fundação Betânia.

* Funchal – Camacha - Dia diocesano do acólito

* Guarda – Seia - Celebração do Dia de São Jorge, patrono do Escutismo

* Porto - Ovar - Celebração do Dia de São Jorge, patrono do escutismo.

* Fátima - Centro pastoral Paulo VI - VII Encontro de coros infantis com a atuação dos seguintes grupos corais: Schola Cantorum Pastorinhos de Fátima; Schola Cantorum da Catedral de Santarém; Pequenos Cantores da Paróquia de S. Salvador de Grijó e Coro de Pequenos Cantores de Esposende

* Santarém - Museu Diocesano - Apresentação da edição da revista «Invenire» na iniciativa «Conversas sobre Arte», intitulada «Musealizar o Sagrado».

* Lisboa - Igreja de São Roque - Espetáculo «Paiaçu ou Pai Grande» do padre António Vieira pelos atores João Grosso e Sílvia Filipe.

* Coimbra - Auditório Justiça e Paz - Conferência sobre «Ordens e Congregações Religiosas e o 25 de Abril: contributos para uma sociedade mais democrática» proferida por Eduardo Franco.

* Algarve – Silves - A cantora Teresa Salgueiro interpreta músicas do CD «Cânticos da tarde e da manhã» na Sé de Silves.

* Algarve – Loulé - Celebração do Dia de São Jorge, patrono do Escutismo.

Dia 26 de abril

* Lisboa - Encontro interdiocesano de delegados do MAAC (Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças)





por estes dias

Teatro Solidário

A Cáritas Diocesana de Coimbra vai promover esta sexta-feira a 1.ª Jornada de Teatro Solidário da região, com o objetivo de recolher apoios para “pessoas e famílias em situação inesperada de carência económica”.

Pastoral Social

O Departamento da Pastoral Sociocaritativa do Patriarcado de Lisboa promove esta sexta-feira um encontro dedicado ao «serviço da caridade como evangelização das comunidades», com a presença de D. Manuel Clemente.

Bens culturais da Igreja

O Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja vai apresentar a mais recente edição da sua revista ‘Invenire’ na iniciativa ‘Conversas sobre Arte’, intitulada “Musealizar o Sagrado”, a 25 de abril, no Museu Diocesano de Santarém.

Francisco encontra-se com Ban Ki-moon

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, vai encontrar-se com o Papa no próximo dia 28, no Vaticano, para debater o problema do tráfico de pessoas.

Ecumenismo

A Comissão Ecuménica da Diocese do Porto vai dedicar no dia 28 de abril uma conferência ao caminho conjunto que as diversas Igrejas cristãs em Portugal estão a fazer, com a participação do teólogo João Pedro Brito.



POR OUTRAS PALAVRAS

4º Domingo de Páscoa - Ano B



minuto youcat

**Por que motivos os cristãos
substituíram
o sábado pelo domingo?**



Programação religiosa nos media



Antena 1, 8h00
RTP1, 10h00
Transmissão da
missa dominical

RTP2, 11h30

Domingo, dia 19 - Ritmos e
vivências no Mosteiro de
Singeverga



11h00 -
Transmissão missa

12h15 - Oitavo Dia

RTP2, 15h30

A RTP comunicou que não vai
emitir o programa Ecclesia
entre os dias 27 de abril e 1
de maio.



Domingo: 10h00 - O
Dia do Senhor; 11h00
- Eucaristia; 23h30 -
Ventos e Marés;
segunda a sexta-feira:
6h57 - Sementes de
reflexão; 7h55 -
Oração da
Manhã; 12h00 -
Angelus; 18h30 -
Terço; 23h57-
Meditando; sábado:
23h30 - Terra
Prometida.

Antena 1

Domingo, dia 26 abril - 06h00 - Os católicos e os 25
de abril: memórias e análise de quem viveu os dias
antes e depois da revolução. Comentário de José
Mguel Sardica.

Segunda a sexta-feira, 27 de abril a 1 de maio -
22h45 - O dia do trabalhador: Ricardo Resende,
plataforma Talentos da Verbum Dei; Rui Nunes, Projeto
Geolife; Projeto Horta Nova Esperança, Cáritas de
Beja; Sara Bello, plataforma Talentos da Verbum Dei e
Bernardo Gomes, GEPE



Ano B – 4.º Domingo da Páscoa

Neste quarto Domingo da Páscoa, Domingo do Bom Pastor, celebra-se o Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Jesus é o Bom Pastor que chama e cuida das suas ovelhas, as pessoas que respondem ao seu apelo e O seguem.

O Evangelho apresenta Cristo como o Pastor modelo, que ama de forma gratuita e desinteressada, até ser capaz de dar a vida por elas. As ovelhas sabem que podem confiar n'Ele de forma incondicional. O que é decisivo para pertencer ao rebanho de Jesus é a disponibilidade para escutar as propostas que Ele faz e segui-l'O no caminho do amor e da entrega.

Seguir Cristo, o único Pastor

As outras leituras devem ser acolhidas à luz do Evangelho. Na primeira, Pedro afirma que Jesus é o único Salvador e avisa-nos para não nos deixarmos iludir por outras figuras, por outros caminhos, por outras sugestões que nos apresentam propostas falsas de salvação. Na segunda, João convida-nos a contemplar o amor de Deus por nós, a integrar a sua família e a tornar-nos semelhantes a Ele.

Todos temos as nossas figuras de referência, os nossos heróis, os nossos mestres, os nossos modelos. Para o cristão, o Pastor por excelência é Cristo.

Reparemos na forma como Cristo desempenha a sua missão de Pastor: não atua por interesse, mas por amor; não foge quando as ovelhas estão em perigo, mas defende-as, preocupa-se com elas e até é capaz de dar a vida por elas; mantém com cada uma das ovelhas uma relação única, especial, pessoal, conhece os seus sofrimentos, dramas, sonhos e esperanças.

No rebanho de Jesus, não se entra por convite especial, nem há um número restrito de vagas a partir do

qual mais ninguém pode entrar. A proposta de salvação que Jesus faz destina-se a todos os homens e mulheres, sem exceção.

O Papa Francisco, na sua mensagem para este dia, propõe que pensemos nas vocações, que só podem ser missionárias, de discípulos missionários, de êxodo como experiência fundamental da vocação. Pessoas em êxodo, comunidades a caminho, Igreja «em saída»... são dinamismos gerados da contemplação do amor de Deus, dom do seu amor.

Que este convite tão radical nos

motive a renovar a nossa resposta quotidiana aos apelos de Deus, a distinguir a voz de Jesus de outros apelos que não conduzem à vida plena. Para isso, é preciso um permanente diálogo íntimo com o Pastor, um confronto permanente com a sua Palavra e a participação ativa nos sacramentos onde se nos comunica essa vida que o Pastor nos oferece. Só assim podemos ir alimentando a nossa vocação em Cristo, Bom Pastor.

Manuel Barbosa, scj
www.dehonianos.pt



ano da vida consagrada

De operário fabril a monge em Singeverga

Miguel Silva, um trabalhador fabril de 43 anos, deu uma reviravolta na sua vida ao cumprir o sonho de seguir a vida consagrada, no mosteiro beneditino de Singeverga em Santo Tirso. “Eu desde criança que tinha gosto de ter sido padre, só que como a minha família era pobre, não poderia prosseguir os estudos porque não havia hipótese e então tive que ir trabalhar”, realça o antigo operário da área do calçado, hoje a cumprir a sua iniciação religiosa.

Com um percurso “sempre” ligado à Igreja Católica, Miguel Silva frequentou os diversos movimentos

na sua paróquia, em Santa Maria da Feira, desde a catequese ao coro, tendo inclusivamente fundado o grupo de acólitos local.

No entanto, tal como salientou à Agência ECCLESIA, sentia que “precisava de algo mais” que o preenchesse e por isso nunca desistiu de procurar o seu sonho, de alimentar a “semente” da sua verdadeira vocação. O primeiro contacto com o Mosteiro de Singeverga chegou em 2010 e deixou-o “fascinado pela casa” e pelo “modo de vida” daquela comunidade.

Desde essa altura, as visitas à casa



tornaram-se mais frequentes e Miguel Silva teve finalmente a oportunidade de entrar como postulante na congregação fundada por São Bento. “Não foi um projeto de um dia para o outro, foi pensado muitas vezes, será que vai dar certo, será que não, porque também estava empregado lá fora e tinha medo, da situação do país, que as coisas não dessem certo”, admitiu. Mas o tempo deu força às razões do seu coração e hoje considera-se

“muito feliz”. “Como dizia Santo Agostinho, levei com a martelada e decidi deixar a vida lá fora e integrar-me aqui na vida em comunidade, e estou muito contente”, confidenciou. A história de Miguel Silva, o operário fabril que sonhou ser padre e se tornou monge, esteve em destaque no Programa ECCLESIA na Antena 1. Uma reportagem integrada na 52.ª Semana de Oração pelas Vocações, que está a decorrer até ao próximo domingo.

*vita consecrata
in Ecclesia hodie*



ano da vida consagrada

O «equilíbrio» que vem da oração e do trabalho



Pedro Rodrigues, um jovem de 29 anos natural do Porto, está a iniciar um percurso de vida consagrada no Mosteiro de Singeverga, em Santo Tirso, e destaca o “equilíbrio” que vem da oração e do trabalho. “Quando oramos, depois os trabalhos que temos e toda a nossa convivência, a maneira como estamos abertos para ouvir os outros, é sempre muito mais rica, muito mais forte”, salienta

o mestre em Literatura Francesa Clássica, em entrevista à Agência ECCLESIA.

O chamamento de Deus foi chegando “pouco a pouco” no meio dos estudos, já na universidade, depois de alguns anos mais afastado da vida ativa na sua paróquia. “Quando Deus bate nós vamos à porta e damos-nos conta que ele já está cá dentro”, explica Pedro Rodrigues, que no entanto “não

quis entrar na vida consagrada sem ter os estudos feitos”.

Mal os concluiu foi aceite pela congregação do mosteiro beneditino de Singeverga, onde segue agora o seu percurso como postulante (candidato) à vida religiosa.

A regra ‘ora et labora’, criada por

São Bento, convida os irmãos a “povoarem o seu dia simultaneamente” com a oração e “todo o tipo de trabalhos, de tarefas”, uma combinação que fortalece a vida espiritual e em comunidade. “Sentimos que Deus está cá com todos nós”, frisa Pedro Rodrigues.

EUA

O Papa recebeu no Vaticano uma delegação da Associação das Superiores Maiores dos EUA (Leadership Conference of Women Religious - LCWR), que de 2008 a 2012 foi objeto de uma investigação por parte da Santa Sé. Após a análise levada a cabo pela Congregação para a Doutrina da Fé, foi apresentado no mesmo dia um Relatório conjunto – assinado por representantes das religiosas norte-americanas e do Vaticano – sobre a implementação do documento de avaliação doutrinal, publicado há três anos.

O trabalho passou pela revisão do Estatuto da LCWR, das suas publicações, sobre a preparação e os critérios de escolha dos porta-vozes da mesma associação. “A Congregação acredita que a Associação das Superiores Maiores dos EUA tem clara a sua missão para auxiliar os Institutos membros, favorecendo uma visão de vida religiosa centralizada na pessoa de Jesus Cristo e radicada na tradição da Igreja”, refere o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, cardeal Gerhard Müller.



Declaração de nulidade do matrimónio

Aumentou nos últimos anos o número de processos e pedidos de declaração de nulidade do matrimónio, junto da Igreja Católica em Portugal, uma temática que dominou as primeiras jornadas jurídico-pastorais promovidas pela Diocese de Lamego. Ovigário judicial do Tribunal Patriarcal de Lisboa, padre Ricardo Alves Ferreira, salienta que “as pessoas estão cada vez mais despertas para esta questão”.

“E procuram, na medida em que se aproximam ou reaproximam da Igreja, resolver a sua situação anterior,

regularizá-la de modo a terem acessos aos outros sacramentos e se integrarem plenamente” na comunidade católica, complementa o sacerdote.

Quando o matrimónio católico é dissolvido, por via do divórcio civil, quebram-se os laços entre marido e mulher mas eles continuam registados como tal na Igreja. Daí que aos divorciados e recasados seja negado o acesso aos sacramentos da comunhão e da penitência, por não se encontrarem em conformidade com a lei de Deus.



Invocando a nulidade do matrimónio, através dos tribunais eclesiais e sempre que haja fundamento para esse recurso, “as pessoas voltam à situação de solteiras”, realça o advogado Júlio Beleza da Costa, que também participou nas jornadas.

Os fundamentos mais comuns para que efetivamente um matrimónio seja considerado nulo são a falta de preparação, de maturidade ou de ponderação de um dos elementos do casal, assim como a falta de um consentimento consciente e livre. No evento, acolhido pelo Seminário Maior de Lamego, estiveram presentes muitos sacerdotes em busca de esclarecimentos para os casos com que se têm deparado na

sua ação pastoral. Destaque ainda para a participação de diversos especialistas em direito civil que demonstraram querer estar a par das respostas que o Direito Canónico fornece para estas situações. Para o bispo de Lamego, D. António Couto, apesar do aumento do número de pedidos envolvendo a declaração de nulidade do matrimónio, “são poucas as pessoas que põem esses problemas em Igreja”. “Muita gente já nem se interroga com isso, vai na mesma à comunhão e funciona como se tudo estivesse normal, os problemas não se põem, há uma consciência de adormecimento não apenas na Igreja, na sociedade”, lamentou o prelado.



Iraque: o drama de uma mãe a quem roubaram a filha de 3 anos

À espera de Cristina

Tem um olhar vazio. Um rosto amargurado. Percebe-se que está triste. Profundamente triste. No dia em que fugiu da sua cidade, os jihadistas do “Estado Islâmico” arrancaram-lhe a filha de 3 anos, que levava nos braços. Ela foi obrigada a deixar a cidade. A menina ficou para trás.

São milhares de pessoas. Vivem todas numa espécie de buracos de um centro comercial que ficou por concluir em Ankawa, norte do Iraque. São casas improvisadas em minúsculos espaços, sem qualquer higiene, sem nada. Estão ali. São todos refugiados. No meio de tantas vidas desfeitas, há uma mulher que passa os dias a rezar, a implorar a clemência de Deus, a acreditar que vai voltar a ter a sua filhinha nos braços. Foi em Agosto do ano passado, quando os jihadistas do “Estado Islâmico” conquistaram Qaraqosh. Milhares de pessoas fugiram da cidade. Muitos eram cristãos. Como esta mulher. Há datas que nunca mais se esquecem. A vida de Aida parou

no dia 22 de Agosto de 2014. Ela vivia em Qaraqosh, com o marido, Jadder, e cinco filhos. São cristãos assírios. Apesar dos rumores da guerra, viviam bem. Até ao dia em que a cidade ficou à mercê dos jihadistas do ISIS. Foi em Agosto. Praticamente todos abandonaram então a cidade. A família de Aida também.

Há datas que não se esquecem mais. Foi no dia 22 de Agosto. Aida e Jadder tinham empacotado as suas coisas. Ficar em Qaraqosh era impensável. Ainda por cima para uma família cristã. Empacotaram algumas coisas sempre na esperança de que um dia iriam regressar. À saída da cidade, havia uma barreira militar. Todos tinham de passar por ali. Foi então que aconteceu. Eram nove e meia da manhã. Aida levava ao colo a filha mais nova, Cristina, de apenas 3 anos de idade. Um jihadista olhou para ela e, simplesmente, arrancou-a dos seus braços. De nada valeram os gritos, os protestos, as lágrimas já enrouquecidas. A menina ficava. Eles tinham de partir.

Fotografia de Cristina

Uma parte de Aida morreu nesse dia, nesse checkpoint à saída de Qaraqosh. Que interessa a vida depois de ver a filha arrancada dos seus braços? E que será dela agora? A menina já tem praticamente 4 anos. Aida vive hoje, com o marido e os outros filhos, num centro comercial inacabado. Parece uma favela. São quase 500 famílias que se amontoam por ali. Todos têm histórias trágicas. Mas ninguém arrepia tanto o nosso olhar como Aida. Ela está cadavérica e tem a fotografia

de Cristina na parede, como se assim pudesse estar mais próxima da filha. Aida passa os dias em silêncio, a murmurar orações, a implorar pela filha. O seu mundo reduz-se agora a isso. “Acredito em Deus e sei que Ele trará a minha filha de volta!” Aida está ali, no meio de milhares de pessoas e, no entanto, está só. É só ela, a filha, que espreita na fotografia, e Deus, a quem continua a rezar. E a nós, só nos resta rezar com ela. E acreditar

...

Paulo Aido

www.fundacao-ais.pt





Onde estava no 25 de Abril?



Tony Neves
Espiritano

Esta pergunta, imortalizada num programa de televisão, vem a propósito da celebração dos 41 anos da chamada 'revolução dos cravos'. Com gente que gostou e outra que não se identificou com esta forma de mudar regimes, a revolução abriu uma página da história de Portugal marcada por mais liberdade e democracia. Os tempos que correram de lá até hoje mostram que somos um país que pode exprimir as suas convicções, pode escolher por voto os seus governantes e legisladores. Há desenvolvimento, há paz. Nem tudo são rosas (ou cravos!) na vida das pessoas em Portugal. O país atravessa uma crise profunda, o desemprego é elevado, os impostos são esmagadores, os valores estão abalados, o futuro está comprometido para as novas gerações. E tudo isto é, claro, angustiante. São de profunda mudança os tempos que correm, caracterizados pela palavra 'globalização'. Tentamos 'copiar' o melhor do que se faz lá fora, mas acabamos por herdar também as ideias e práticas que fazem de nós um país em crise de valores. Por isso também é para nós o grito do Papa Francisco que pede o combate urgente á globalização da indiferença através da vivência de uma globalização assente na solidariedade sem fronteiras. Abril de 74 trouxe mais escola, mais acesso aos cuidados básicos de saúde, mais desenvolvimento. Permitiu o nascimento de diversos partidos, lançou o debate sobre sistemas políticos e económicos



a implementar, abriu portas a uma nova Constituição, permitiu o aparecimento de uma comunicação social plural. Tudo isto são valores inquestionáveis. 'Onde estava no 25 de Abril de 1974?'. Pois estava no meu 1º ano de ciclo preparatório (assim se chamava então). Lembro-me de uma senhora entrar de rompante na sala da minha turma, pedir autorização ao professor e dizer com cara de caso: 'há muita confusão em Lisboa, vão todos a correr para casa!'. Ora,

do centro de Gondomar até á minha aldeia era precisa uma boa meia hora de autocarro... Mas eu e todos os da minha terra partimos a pé para casa, com pedras nos bolsos, prontos para o que desse e viesse! Esses senhores que faziam confusão em Lisboa não nos apareceram no caminho, para sorte deles!!! É bom que, em cada 25 de Abril, repensemos a democracia que queremos, a liberdade que defendemos, a paz por que lutamos, a justiça onde assentamos a vida.

Programa **LusoFonias**

Um Encontro
de Vozes e
Culturas



Conheça
o programa... >

"Pode ouvir o programa Luso Fonias na rádio SIM, sábados às 14h00, ou em www.fecong.org. O programa Luso Fonias é produzido pela FEC – Fundação Fé e Cooperação, ONGD da Conferência Episcopal Portuguesa."



«asas de vento,
coração de mar»